



VI SEMANA DE ENFERMAGEM DA URCA

I SIMPÓSIO DE ENFERMAGEM DERMATOLÓGICA DA REGIÃO CENTRO-SUL

EIXO TEMÁTICO: ENFERMAGEM OBSTÉTRICA E NA SAÚDE DA MULHER
MODALIDADE: ORAL

DIFICULDADES DO ENFERMEIRO NA ASSISTÊNCIA À MULHER VÍTIMA DE VIOLÊNCIA NA ATENÇÃO PRIMÁRIA: REVISÃO NARRATIVA

Beatriz de Castro Magalhães¹

Patrícia Pereira Tavares de Alcântara²

Emanuelly Vieira Pereira³

José Gerefeson Alves⁴

Maiara Bezerra Dantas⁵

Moziane Mendonça de Araújo⁶

Resumo: Objetivou-se identificar dificuldades dos enfermeiros na assistência à mulher vítima de violência dentro da APS. Revisão narrativa realizada na BVS, BDENF, LILACS e MEDLINE. Identificaram-se 116 estudos. Após critérios de inclusão e exclusão 16 artigos compuseram a amostra. Evidenciaram-se como dificuldades para a assistência: preconceito, deficiência na formação, capacitações e educação continuada, desconhecimento da importância e obrigatoriedade da notificação, subnotificação de casos e inserção das vítimas na RAS. Há fragmentação da assistência a mulher vítima de violência pela subnotificação de casos e dificuldades na continuidade e integralidade da assistência ofertada, o que requer modificações nos processos formativos em saúde.

INTRODUÇÃO

A violência contra a mulher caracteriza-se como qualquer ação violenta ou omissão baseada no gênero, que resulte em dano físico, sexual ou psicológico. Essa representa preocupação mundial, decorrente de padrões culturais socialmente aceitos de desigualdades de gênero, que conferem naturalidade à violência (AMBRIZ-MORA; ZONANA-NACACH; ANZALDO-CAMPOS, 2015; VIANA et al., 2018). Destacam-se os danos à saúde individual e coletiva advindos desse fenômeno, bem como elevados índices de morbimortalidade populacional (MENEZES et al., 2014).

¹ Discente do Curso de Enfermagem URCA/UDI. Integrante do Grupo de Pesquisa em Sexualidade, Gênero, Diversidade Sexual e Inclusão (GPESGDI/CNPq). Bolsista de Iniciação PIBIC - URCA. E-mail: beatriz.castro022015@gmail.com

² Enfermeira, Mestre em Desenvolvimento Regional Sustentável. Professora Temporária do Curso de Enfermagem da Universidade Regional do Cariri- Unidade Descentralizada de Iguatu (URCA-UDI) Pesquisadora do Grupo de Pesquisa Clínicas Cuidado e Gestão (GPCLIN). E-mail: enfermeira.tavares.81@gmail.com

³ Enfermeira, Mestre em Enfermagem. Professora Temporária do Curso de Enfermagem da Universidade Regional do Cariri- Unidade Descentralizada de Iguatu (URCA-UDI) Pesquisadora do Grupo de Pesquisa em Sexualidade, Gênero, Diversidade Sexual e Inclusão (GPESGDI/CNPq) – URCA.

⁴ Discente do Curso de Enfermagem URCA/UDI. Membro do Grupo de Pesquisas Clínicas Cuidado e Gestão (GPCLIN). E-mail: gerefesondip@gmail.com

⁵ Discente do Curso de Enfermagem URCA/UDI. Membro do Grupo de Pesquisa cardiovascular e cerebrovascular (GPESCC). E-mail: maiara-dantas13@hotmail.com

⁶ Enfermeira, Mestre em Enfermagem. Professora Temporária do Curso de Enfermagem da Universidade Regional do Cariri- Unidade Descentralizada de Iguatu (URCA-UDI). Pesquisadora do Grupo de Pesquisa Clínicas Cuidado e Gestão (GPCLIN). E-mail: moziane@hotmail.com



VI SEMANA DE ENFERMAGEM DA URCA

I SIMPÓSIO DE ENFERMAGEM DERMATOLÓGICA DA REGIÃO CENTRO-SUL

Os dados do estudo de Silva et al. (2017) abordam a predominância de notificação de violência psicológica, seguida das violências física e sexual no Sistema de Notificações e Agravos, onde vale destacar a violência contra a mulher como prioridade de pesquisa no Sistema Unico de Saúde (SUS) (BRASIL, 2018).

Nesse contexto, a Atenção Primária à Saúde (APS) se constitui como porta de entrada para o atendimento de mulheres em situação de violência, onde o enfermeiro pauta seu trabalho nos preceitos do SUS e se baseia na integralidade do cuidado, nas intervenções frente aos fatores de risco e necessidades sociais de saúde, na prevenção de doenças e promoção da saúde; o que leva a refletir sobre a relevância desse profissional na assistência à mulher vítima violência (MOREIRA et al., 2014; FERREIRA; PERICO; DIAS, 2018).

Em contrapartida, é notório os profissionais dos serviços de saúde revelarem dificuldades quanto ao reconhecimento e manejo da violência, devido seu alto grau de complexidade (SILVA, et al., 2017). Partindo dessa premissa tem-se a questão norteadora “quais as principais dificuldades enfrentadas pelos enfermeiros atuantes na APS para assistência a mulher vítima de violência?”. Pretende-se suscitar discussões acerca dos aspectos inerentes a assistência a saúde da mulher vítima de violência, com vistas a reconhecer as dificuldades para potencializar a melhoria e integralidade da assistência à saúde.

OBJETIVO

Identificar dificuldades dos enfermeiros na assistência à mulher vítima de violência no contexto da Atenção Primária a Saúde.

METODOLOGIA

Revisão narrativa da literatura realizada em dezembro de 2018, na Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), e nas bases de dados: Base de Dados de Enfermagem (BDENF), Literatura Latino-Americana em Ciências da Saúde (LILACS) e *Medical Literature Analysis and Retrieval System Online (MEDLINE)*.

Foram utilizados os descritores de assunto controlados indexados no vocabulário estruturado “Descritores em Ciências da Saúde” (DeCS) associados conforme as estratégias de busca: Violência contra a mulher AND enfermeiro AND Atenção Primária à Saúde; Violência contra a mulher AND Pessoal da saúde AND Atenção Primária à Saúde. Na segunda busca, substituiu-se o DeCS “Enfermeiro” por “Pessoal da saúde” a fim de ampliar a busca, incluindo



VI SEMANA DE ENFERMAGEM DA URCA

I SIMPÓSIO DE ENFERMAGEM DERMATOLÓGICA DA REGIÃO CENTRO-SUL

os estudos que apresentaram dentro da equipe o enfermeiro.

Foram identificados 116 estudos, que após leitura de título e resumo foram submetidos aos seguintes critérios de inclusão: artigos originais, que tinham como participantes o enfermeiro, que abordassem as dificuldades do enfermeiro frente a violência contra a mulher; restando 78 produções, dos quais foram excluídas os estudos não disponíveis para *download*, estudos repetidos e duplicados, restando 16 artigos que foram avaliados na íntegra por meio de fichamentos, categorizados segundo as dificuldades apresentadas pelos enfermeiros; analisados de forma interpretativa e confrontados com a literatura pertinente.

RESULTADOS/DISCUSSÃO

A principal dificuldade para o enfrentamento à violência contra a mulher referidas por enfermeiros, foi o déficit na abordagem do assunto na formação acadêmica. Outro estudo reforça que a temática de violência contra a mulher não é trabalhada na academia, e quando é, se dá de forma superficial (VISETIN et al., 2015; CORDEIRO et al., 2015).

O déficit formativo supracitado pode justificar dificuldades assistenciais como deficiência em encaminhamentos, desconhecimento, impotência na articulação e baixa resolutividade das redes de apoio; falta de tempo para atendimento adequado, pois prioriza-se outras situações e falta de habilidade para abordar a temática com o paciente (CANN et al., 2001; VISETIN et al., 2015).

Quando o assunto não é abordado na graduação, focam-se em conteúdos técnicos, reforçando um modelo fragmentado de ensino. Além disso, o déficit de capacitação e discussões sobre o assunto acarretam despreparo para a assistência à saúde da mulher vítima de violência, frisando a necessidade de educação permanente multidisciplinar (SALCEDO-BARRIENTOS et al., 2014; CORDEIRO et al., 2015).

A assistência à saúde da mulher, por vezes, é restrita a saúde reprodutiva e aspectos curativistas, o que explica dificuldades em intervir na prevenção e quebra do ciclo de violência, enquanto problema de cunho social (ALMEIDA; SILVA; MACHADO, 2015).

Nessa perspectiva, expõe-se que um dos erros nas capacitações é desconsiderar experiências vivenciadas pelos enfermeiros e a dualidade de seus papéis; pois deve-se considerar as experiências pessoais, buscando sensibilizar e depois intervir no papel profissional (KIM; MOTSEI, 2002).

Além disso, os enfermeiros não sabem diferenciar notificação compulsória e



Os encaminhamento são limitados, na maioria das vezes, a delegacia da mulher ou ao psicólogo, o que restringe o problema a segurança pública e a área de saúde mental. (HASSE; VIEIRA, 2014; ALMEIDA; SILVA; MACHADO, 2014). Corroborando com a premissa anterior, o estudo de Arboit et al. (2017), apresenta dificuldades referentes ao entendimento sobre Redes de Atenção à Saúde (RAS), o que acarreta a desarticulação do serviço APS com a RAS.

Destacam-se ainda os julgamentos amparados no senso comum e preconceito incumbidos aos profissionais de saúde, como barreiras para esta assistência (SALCEDO-BARRIENTOS et al., 2014). Relatou-se ainda a limitação em intervir em assuntos tidos como íntimos, por medo de retaliações, visto que há o entendimento de que a violência é um assunto exclusivo do casal, além do medo de se envolver em questões legais (ALMEIDA; SILVA; MACHADO, 2014).

Assim, muitos desafios persistem, como exemplo, lacunas na formação/sensibilização sobre diferenças de gênero e acolhimento em saúde; centralização da assistência nos profissionais, ao invés de ser centrado nas mulheres; e falta de vínculo devido a sobrecarga de trabalho (SIGNORELLI; AUAD; PEREIRA, 2013).

Destaca-se a necessidade de implementação das ações prioritárias da Política Nacional de Enfrentamento à Violência contra a mulher para embasamento da assistência de Enfermagem, bem como a criação de estratégias pelos órgãos gestores, sendo elas: difusão da lei Maria da Penha, ampliação dos serviços especializados, fortalecimento das RAS, promoção da segurança e justiça, garantia de direitos sexuais e reprodutivos e garantia da autonomia das mulheres (BRASIL, 2011).

CONSIDERAÇÕES FINAIS



VI SEMANA DE ENFERMAGEM DA URCA

I SIMPÓSIO DE ENFERMAGEM DERMATOLÓGICA DA REGIÃO CENTRO-SUL

As dificuldades para a assistência de enfermagem a mulher vítima de violência decorrem de incipientes discussões sobre violência contra a mulher durante a graduação e nos processos formativos em saúde, bem como déficit de capacitações, ações baseadas na influência de aspectos culturais dos próprios enfermeiros e tempo escasso para se dedicar a assuntos banalizados pelos enfermeiros. Destaca-se como limitação a escassez de estudos, a fim de comparações com o que é preconizado pelo Ministério da Saúde, sendo um objetivo sugerido para pesquisas vindouras.

Faz-se necessário desenvolver ações de educação permanente com inclusão e ampliação de discussões sobre gênero que desconstruam padrões; e sobre violência contra a mulher nos contextos formativos em saúde que estimulem o senso crítico dos enfermeiros, sensibilizando-os para a integralidade da assistência livre de discriminação e juízo de valor.

DESCRIPTORIOS: Atenção Primária à Saúde. Enfermeiro. Violência contra a mulher.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, L.R.; SILVA, A.T.M.C.; MACHADO, L.S. O objeto, a finalidade e os instrumentos do processo de trabalho em saúde na atenção à violência de gênero em um serviço de atenção básica. **Interface (Botucatu)**, Botucatu, v. 18, n. 48, p. 47-60, 2014.

AMBRIZ-MORA MI, ZONANA-NACACH A, ANZALDO-CAMPOS MC. Factores asociados a violencia doméstica en mujeres mexicanas vistas en primer nivel atención. **SEMERGEN - Medicina de Familia**, v.41, n.5, p.241-6, 2015.

ARBOIT, J. et al. Atenção à saúde de mulheres em situação de violência: desarticulação dos profissionais em rede. **Rev Esc Enferm USP.**, n.51, e.03207, 2017.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos. Departamento de Ciência e Tecnologia. Agenda de Prioridades de Pesquisa do Ministério da Saúde - APPMS / Departamento de Ciência e Tecnologia. – Brasília : Ministério da Saúde, 2018.

_____. Ministerio da saúde. Secretaria Nacional de Enfrentamento à Violência contra as Mulheres Secretaria de Políticas para as Mulheres – Presidência da República. Política Nacional de Enfrentamento à Violência Contra as Mulheres. – Brasília: Ministerio da Saúde, 2011.

CANN, K. et al. Violência doméstica: um levantamento comparativo dos níveis de detecção, conhecimento e atitudes em profissionais de saúde. **Public Health**, v.115, n.2, p.89-95, April 2001.

CORDEIRO, K.C.C. et al. Formação profissional e notificação da violência contra a mulher.



VI SEMANA DE ENFERMAGEM DA URCA

I SIMPÓSIO DE ENFERMAGEM DERMATOLÓGICA DA REGIÃO CENTRO-SUL

FERREIRA, S. R. S.; PÉRICO, L. A. D.; DIAS, V. R. F. G. A complexidade do trabalho do enfermeiro na Atenção Primária à Saúde. **Rev Bras Enferm.**, v.71, supl. 1, p. 752-7, 2018.

HASSE, M.; VIEIRA, E.M. Como os profissionais de saúde atendem mulheres em situação de violência? Uma análise triangulada de dados. **Saúde debate**, v. 38, n. 102, p. 482-493, jul-set 2014.

KIM, J.; MOTSEI, M. "Mulheres gozam de punição": atitudes e experiências de violência baseada em gênero entre enfermeiras da APS na área rural da África do Sul. **Ciências Sociais e Medicina**, v.54, n.8, p.1243-1254, 2002.

KIND, L. et al. Subnotificação e (in)visibilidade da violência contra mulheres na atenção primária à saúde. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v.29, n.9, p.1805-1815, Sept. 2013

MACHADO, M.E.S. et al. Percepção de profissionais de saúde sobre violência contra a mulher: estudo descritivo. **Online braz j nurs**, v.16, n.1, p.209-217, 2017.

MENEZES, P. R.de. et al. Enfrentamento da violência contra a mulher: articulação intersectorial e atenção integral. **Saúde Soc. São Paulo**, v.23, n.3, p.778-786, 2014.

MOREIRA, T. N. F et al. A construção do cuidado: o atendimento às situações de violência doméstica por equipes de Saúde da Família. **Saúde Soc.**, v.23, n.3, p.814-27, 2014.
Revista Baiana de Enfermagem, v. 29, n. 3, p. 209-217, jul./set. 2015

OLIVEIRA, C. S; DELZIOVO, C. R; LACERDA, J. T. **Redes de atenção à violência**. Florianópolis –SC: 2015.

SALCEDO-BARRIENTOS, D.M. et al. Como os profissionais da Atenção Básica enfrentam a violência na gravidez? **Rev. Latino-Am. Enfermagem**, v.22, n.3, p.448-53, 2014.

SALCEDO-BARRIENTOS, D.M. et al. Violência doméstica e enfermagem: da percepção do fenômeno à realidade cotidiana. **Avanc Enferm.**, v.29, n.2, p.353-62, 2011.

SIGNORELLI, M.C.; AUAD, D.; PEREIRA, P.P.G. Violência doméstica contra mulheres e a atuação profissional na atenção primária à saúde: um estudo etnográfico em Matinhos, Paraná, Brasil. **Cad. Saúde Pública [online]**, v.29, n.6, p.1230-1240, 2013.

SILVA, N. N. F. et al. B. Atuação dos enfermeiros da atenção básica a mulheres em situação de violência. **Enferm. Foco**, v.8, n.3, p. 70-4, 2017.

SILVA, M. P. S. et al. A violência e suas repercussões na vida da mulher contemporânea. **Rev enferm UFPE**, Recife, v.11, n.8, p. 3057-64, ago., 2017.

VIANA, A. L. Et al. Violência contra a mulher. **Rev enferm UFPE on line.**, Recife, v.12, n.4, p.923-9, abr., 2018.

VISETIN, F. et al. A enfermagem na atenção primária ao cuidar de mulheres em situação de violência de gênero. **Invest. educ. enferm.**, v.33, n.3, p.556-564, De c. 2015.